



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 5, volume 5, article nº 05, December 2018

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v5n5a5>

Accepted: 18/08/2018 Published: 30/12/2018

Special Edition

VIII SEMAT – Seminário Nacional da Licenciatura em Matemática – Ifes – Cachoeiro de Itapemirim

A VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES NA SALA DE AULA: O OLHAR DE PIBIDIANOS DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA SOBRE O TEMA

Marcio Iris Ribeiro¹
Marcela Aguiar Barbosa²

Abstract

This article is the result of a bibliographical research that involved the reading of scholarly works in the search for information on the theme "school violence and its manifestations in the classroom", aiming to identify how the types of violence that occur in this environment are characterized and the its impacts, that is, the impacts of this action on the teaching-learning process. There was also the elaboration, application and analysis of a questionnaire containing open and closed questions to the Mathematics students of PIBID (Institutional Program of Initiation to Teaching Scholarship), of the Federal Institute of Espírito Santo, Campus Cachoeiro de Itapemirim, in the month of November of 2016, providing the information pertinent to the confrontation of the studies / daily reality of the students in the classroom. In this way, we deepen the knowledge about school violence and describe some processes of violence that permeate this universe, specifically, physical violence, symbolism and incivilities, with the purpose of helping to understand aspects related to violence in the school environment, as well as the relationship between violence and those involved in the teaching-learning process.

Keywords: school; violence ; teaching-learning .

Resumo

Este artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica que envolveu a leitura de trabalhos acadêmicos na busca de informações sobre a temática “violência escolar e suas manifestações na sala de aula”, objetivando identificar como se caracterizam os tipos de violência que ocorrem nesse ambiente e os seus reflexos, isto é, os impactos dessa ação no processo de ensino-aprendizagem. Houve, também, a elaboração, aplicação e análise de um questionário contendo perguntas abertas e

¹ Instituto Federal do Espírito Santo, Cachoeiro de Itapemirim-ES, marcioiris.eletromec@hotmail.com

² Instituto Federal do Espírito Santo, Cachoeiro de Itapemirim-ES, marcela.aguiar@ifes.edu.br

fechadas aos alunos de Matemática do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Cachoeiro de Itapemirim, no mês de novembro de 2016, propiciando a coleta de informações pertinentes para a confrontação dos estudos/realidade do cotidiano dos alunos na sala de aula. Desse modo, aprofundamos o conhecimento sobre a violência escolar e descrevemos alguns processos de violência que permeiam esse universo, especificamente, a violência física, simbólica e as incivildades, com o intuito de auxiliar a compreensão de aspectos referentes à violência no ambiente escolar, assim como as relações entre a violência e os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: escola; violência; ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema social que tem afetado todos os grupos sociais, em especial a comunidade escolar, por nela haver uma grande diversidade social e cultural. Esse comportamento violento não é exclusivo do Brasil. Em um estudo apresentado pela ONU³, o Fundo para a Educação, Ciência e Cultura calcula que em cada ano há 246 milhões de crianças e adolescentes submetidos a algum tipo de violência na escola. No documento apresentado em Seul, num encontro internacional sobre o tema, a UNESCO demonstrou que 34% das crianças com idade entre 11 e 13 anos dizem ter sido perseguidas nos últimos meses, sendo que 8% dessa perseguição ocorre diariamente⁴.

No Brasil, a violência verbal ou física atingiu o número de 42% de alunos da rede pública, no ano de 2015. Esse dado foi o destaque de uma pesquisa realizada pela faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flasco), junto com o Ministério da Educação e a Organização dos Estados Interamericanos (OEI)⁵.

Diante desses fatos, a escola deve identificar a incidência da violência e a quem ela afeta, além de perceber a violência velada - aquela manifestada silenciosamente e que, por isso, é difícil de ser identificada, privando o ser humano de exercer a sua autonomia - pois às vezes há manifestações que ocorrem de

³ <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002469/246970e.pdf>

⁴ <http://www.jn.pt/mundo/interior/dois-em-cada-10-alunos-do-mundo-sofreu-violencia-escolar-5609683.html>

⁵ <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/03/violencia-atinge-42-dos-alunos-da-rede-publica.html>

formas diversificadas: metáforas, preconceitos e situações que intimidam os indivíduos. Por isso, há necessidade de se estudar e analisar as particularidades que permeiam esse tema.

Desse modo, este trabalho tem como objetivo geral compreender os tipos de violência escolar apontados pelos pibidianos⁶ e seus possíveis reflexos na sala de aula. Esse objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos: identificar e descrever as formas de violência existentes no ambiente escolar a partir da visão dos pibidianos; descrever como os pibidianos percebem a atuação dos professores e da escola frente à violência; apontar os possíveis reflexos da violência no aprendizado, a partir do olhar dos pibidianos.

Ao professor é atribuído papel importante de mediar diversas situações que ocorrem na sala de aula, entre elas a violência. Então, é de grande importância na formação pedagógica que esse profissional de ensino esteja preparado para exercer de modo eficiente a sua prática docente, tendo o conhecimento das situações relacionadas à violência escolar, estando assim preparado para realizar as intervenções necessárias.

Analisar a violência escolar sob a ótica dos pibidianos permite ao professor fazer inferências e criar estratégias que possam ir de encontro às situações vivenciadas por ele em sala de aula e por vezes não identificadas no decorrer das aulas, pois do professor é o dever de mediar e organização de todo o universo da sala de aula. Às vezes, o pibidiano é capaz de observar situações e eventualidades ainda não definidas ou identificadas pelo docente, pela quantidade de alunos e de realidades distintas presentes em uma mesma sala de aula, como é o caso da violência velada citada acima. Diferente da violência declarada, que se baseia no desrespeito, na não atribuição ao uso de máscaras, ao delito, ao inegável, ao corpo que padece com as consequências da violência.

1. O caminho da pesquisa

O presente trabalho propôs uma pesquisa bibliográfica, cujo delineamento se estabelece a partir da pesquisa *ex post facto*. Entendemos que esses tipos de pesquisas são os mais adequados aos objetivos propostos nesta investigação.

⁶ Alunos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

A pesquisa bibliográfica permitiu um contato direto com os materiais que já haviam sido escritos sobre o tema violência. Ela é:

[...] feita com base em documentos já elaborados, tais como livros, dicionários, enciclopédias, periódicos como jornais e revistas, além de publicações, como comunicação e artigos científicos, resenhas e ensaios (Santos, 2012, p.197).

Por sua vez, a pesquisa ex post facto nos auxilia na medida em que permite fazer o estudo de situações passadas, “[...] o experimento é efetivado depois dos fatos. Nela o pesquisador não tem controle sobre as variáveis” (Santos, 2012, p.198). Do ponto de vista dos objetivos foi realizada uma análise exploratória-descritiva da situação de violência no âmbito escolar, pois apresenta características de uma determinada realidade, descrevendo-a e interpretando-a.

Além disso, a escolha do tipo de pesquisa se baseia no fato de sua utilização possibilitar aos envolvidos condições de analisar sua própria realidade de forma crítica e reflexiva. Portanto, buscou demonstrar uma relação entre os objetivos que foram traçados no início da pesquisa: a teoria e a realidade encontrada.

O estudo bibliográfico, ponto de partida deste trabalho, permitiu o levantamento das produções teóricas existentes em livros, artigos, revistas e sites da internet. Na sequência foram feitas leituras de todo o material selecionado, visando - com respaldo em autores como Abramovay (2002, 2005); Marra e Tosta (2008); Castro (2010) - uma melhor organização do processo teórico-metodológico de fundamentação técnica e operacionalização do estudo em questão. Esses conhecimentos, explanações e experiências contribuíram para a aproximação e aprofundamento dos debates sobre a violência escolar.

Em seguida, foram elaborados e aplicados questionários aos alunos dos cursos superiores de Licenciatura em Matemática que desenvolvem atividades de iniciação à docência em escolas públicas. Programa esse, oferecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), com o intuito de promover o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública, articulando a educação superior (por meio das licenciaturas) a escola e aos sistemas de ensino estaduais e municipais.

Os estudantes pibidianos foram escolhidos por estarem diretamente em contato com alunos e professores das escolas estaduais. Dessa forma, a amostra contou com a participação de dezenove alunos da licenciatura em matemática do

IFES - Campus Cachoeiro de Itapemirim, sendo a pesquisa realizada no segundo semestre do ano de 2016. A participação desses pibidianos ocorreu via respostas dos questionários elaborados com perguntas referentes ao tema da violência escolar.

Assim, foi possível conhecer a percepção que os pibidianos possuem sobre a questão da violência no ambiente escolar, além de garantir uma descrição fidedigna dos fatos vivenciados por alunos e professores durante as atividades de iniciação à docência.

A importância desse estudo está na possibilidade de verificar como professores identificam e descrevem as formas de violência existentes no ambiente escolar, categorizando os tipos mais frequentes vivenciados em sala de aula. Além disso, fornece informações relevantes sobre sua incidência, sobre os principais atores afetados e possibilita refletir sobre ações que visem melhorar as relações nesse espaço.

2. Uma análise sobre a violência na escola

A escola, parte constituinte da sociedade, sofre a influência da violência presente no todo social. Os atores sociais que recebem interferência direta da violência no cotidiano escolar são os alunos, professores, o corpo pedagógico e os familiares dos estudantes. Todos sofrem os desdobramentos dos efeitos da violência escolar.

Nas escolas, identifica-se que os episódios violentos que ocorrem não se restringem aos crimes e delitos previstos no Código Penal, mas abrangem dimensões do cotidiano e dos relacionamentos sociais entre alunos, professores, diretores, pais e demais adultos que participam da comunidade escolar (Abramovay, 2005, p.4).

Nesse sentido, faz-se necessário analisar criticamente as características da violência disseminada na escola, com a finalidade de que os preconceitos e erros presentes nas análises superficiais feitas por pais, professores e pedagogos sejam abandonados. Partindo dessa lógica, é importante compreender as diferentes perspectivas de violência.

Inicialmente, a violência na escola era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento anti-social. Hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos [...] os quais requerem análises que não se restrinjam às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das

relações sociais entre eles (Abramovay, 2002, p.13).

Desse modo, para a análise da violência escolar é necessário estabelecer uma compreensão sobre o fenômeno, identificando como ele se manifesta e quais as suas características.

Seguindo a proposta teórica apresentada por Abramovay (2002, p.73-74; 2005, p.5), apresentamos o conceito de violência escolar a partir de três tipos: a) violência física: “[...] tipo de violência que pode causar morte, gera ferimentos, socos, furtos, crimes, depredações, entorpecentes, tráfico, violência sexual”; b) “violência simbólica ou institucional” se apresenta nas situações de autoridade, no abuso de autoridade dos professores em relação aos alunos”; e c) as incivildades: “microviolências, humilhações, falta de respeito”.

O primeiro tipo é a violência física, a mais fácil de ser reconhecida. Nesse grupo de ações estão presentes a briga, o roubo e a lesão corporal. A briga faz parte do cotidiano escolar e exige vigilância permanente dos profissionais da escola. Marra e Tosta (2008, p.155) fazem referência às formas de violência física que vem ultrapassando os muros das escolas, afirmando que “[...] o uso de arma de fogo e bombas caseiras potentes, facas e outros objetos cortantes, antes objetos estranhos ao ambiente escolar, agora invadem seu espaço”.

Outro tipo de violência que surge camuflada, podendo levar ao preconceito e à segregação, é a violência simbólica; situações algumas vezes comuns aos alunos e professores que, na maioria das vezes, não se dão conta dos efeitos nocivos de tais atitudes. Essa falta de diálogo gera a violência denominada simbólica, quase imperceptível. Uma violência velada, que não mostra sangue, não são fatos passíveis de sanções penais, porém traz consequências negativas às relações entre os atores sociais da escola. Marra e Tosta (2008, p.170) preceituam: “Essa violência enquanto processo pode não ser percebida como uma violência, mas enquanto produto ela pode se tornar devastadora e irreconhecível”.

Essas expressões de violência simbólica que acometem as escolas são verificadas nas relações desrespeitosas, conflituosas e na falta de diálogo entre os atores sociais. Os educandos afirmam que os professores não dialogam com eles, com algumas exceções. Já os educadores, por sua vez, alegam que os alunos não são educados por suas famílias para o diálogo. Abramovay (2005, p.8)

preceitua:

[...] primeiramente, é necessário admitir que, de certa forma, prevalece entre alunos e professores um modo de relacionamento que é essencialmente conflituoso, uma vez que, de um lado, os alunos questionam a autoridade do docente e assumem um comportamento de embate e desafio em relação ao mesmo e, de outro, os professores relutam em valorizar a cultura juvenil presente na escola e assumem posturas que sedimentam a prática da violência institucional dentro dela, utilizando-se de instrumentos e estratégias de poder que marginalizam os alunos.

O professor atribui os comportamentos violentos dos alunos a fatores como a desorganização familiar, ao convívio com situações de violência, a influência dos meios de comunicação e falta de limites. O aluno adentra à escola com seus conflitos e, nesse ambiente, encontra situações que, infelizmente, estimulam a violência, uma vez que cada estudante leva consigo uma vivência de mundo que, por vezes, não é valorizada pelo professor.

Entre as várias situações que envolvem a violência simbólica, encontramos: a alta rotatividade de professores por conta das transferências e o final do contrato de trabalho; a omissão do poder público; a implementação de projetos sem a anuência da comunidade escolar; a exclusão de direitos à cidadania; a dominação quando outras formas de luta já não surtem mais efeito.

Essa ruptura no processo pedagógico impede a criação de um vínculo sócio-afetivo e pedagógico entre alunos e professores, impactando de modo negativo o relacionamento interpessoal, prejudicando a execução do planejamento, causando desestímulo a todos, abrindo portas ao desrespeito e ao descompromisso. Além disso, é necessário destacar a baixa remuneração dos profissionais da educação e carência de material pedagógico.

Os baixos salários históricos dos professores, sem falar nos outros profissionais da instituição, nos dão a dimensão do discurso vazio que o poder público promove sobre a valorização e que cada vez mais concorre para o desestímulo, para a sobrecarga de trabalho, para perda de autoridade e para a inviabilidade de seu projeto educativo. (Marra & Tosta, 2008, p.171).

Ora, a escola tem como função principal a socialização dos educandos, já que os alunos, na instituição escolar, convivem com diferentes culturas. O professor é peça fundamental no fomento ao diálogo em sala de aula. Ele pode ter a função de gerador de conflitos como de apaziguador. A sala de aula exige do educador a competência e a habilidade na prática de ensino, de modo que ele não seja responsável pelos embates, porém essencialmente o causador de um

relacionamento pacífico entre professor-aluno.

Além da violência física e da violência simbólica, outra forma de violência comum no âmbito educativo são as incivildades. Neste caso, cabe ressaltar que alguns acontecimentos considerados pelos professores como indisciplina, na verdade são incivildades. Ocorrências que desorganizam a rotina idealizada por professores e alunos: agressões verbais, brincadeiras muito agressivas, humilhações, bullyings, depredações, atos de indisciplinas, entre outros, são formas inaceitáveis de incivildades.

[...] prejudicam sobremaneira as relações entre os alunos. Entristecem uns, acanham outros, ferem, machucam e enlaçam as crianças na difícil tarefa de suportar o convívio, ao invés de usufruí-lo tornando o espaço escolar propício, inclusive, para a tão temida prática de bullying [...] porque mobilizam fortes sentimentos entre os educadores, deixando-os perdidos, atônitos, desvitalizados, descrentes [...] uma experiência de sofrimento que ocorre no interior da escola e justamente por isso, permanece intocada pelas políticas públicas, como se reduzida à condição de mero conflito interno. (Castro, 2010, p. 107)

As incivildades são pequenos atos de agressividade marcados pela ruptura de boa convivência, como as desobediências à fala do professor, os empurrões e as ofensas, caracterizadas por ataques cotidianos e repetitivos, subvertendo o direito de cada indivíduo.

Essas situações, por estarem associados à indisciplina, acabam não recebendo a devida atenção do poder público, já que representam uma forma “menos nociva” de violência que ocorre no interior da escola. As incivildades comprometem o aprendizado, sendo danosas ao ambiente escolar:

Mas o pior efeito das incivildades pode ser observado nas relações entre alunos e professores, dado o grande desencontro entre aqueles que precisam de cuidados e seus cuidadores. No convívio, com as manifestações de agressividade, os professores vão perdendo a capacidade de sentirem-se úteis, o que acaba minando a criatividade e o envolvimento pessoal no trabalho educativo (Castro, 2010, p.110)

Além disso, as incivildades fragilizam os professores que passam a ter sentimentos tais como mágoas, hostilidade e ressentimentos, chegando a ficar perdidos e descrentes, adotando, desse modo, a violência simbólica.

Outro fator que incide na violência escolar é a formação inadequada dos professores para lidar com esse problema. As instituições de ensino superior não propiciam estudos que permitam aos professores enfrentarem os dilemas reais da aprendizagem. Ao se depararem com a realidade extra: conflitos, agressões,

intolerância, entre outros. Esses professores encontram-se inoperantes.

O professor pode ser um dos principais agentes de violência na escola. A falta de competência para administrar a sala de aula, controlar com estratégias pode levá-lo a gritar, esbravejar, até mesmo agredir verbal ou, ocasionalmente, fisicamente um aluno, sua família e seus valores (Witter, 2010, p.12).

Logo, a reflexão sobre as três principais dimensões que caracterizam a violência escolar - violência física, simbólica e incivildades - possibilita aos atores sociais envolvidos, principalmente professores e alunos, a reflexão sobre suas condutas a fim de serem estabelecidas ações que minimizem atos de violência e, antes de tudo, que inviabilizem esses acontecimentos no ambiente escolar.

3. As principais dimensões da violência escolar: os resultados da pesquisa

Os dados aqui relatados foram coletados em um questionário⁷ respondido por alunos do Curso Superior da Licenciatura em Matemática, vinculados ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do IFES, Campus Cachoeiro de Itapemirim, da Licenciatura em Matemática, com o objetivo de investigar a percepção dos pibidianos sobre os atos que podem ser considerados violência na sala de aula e os reflexos gerados por essas ações.

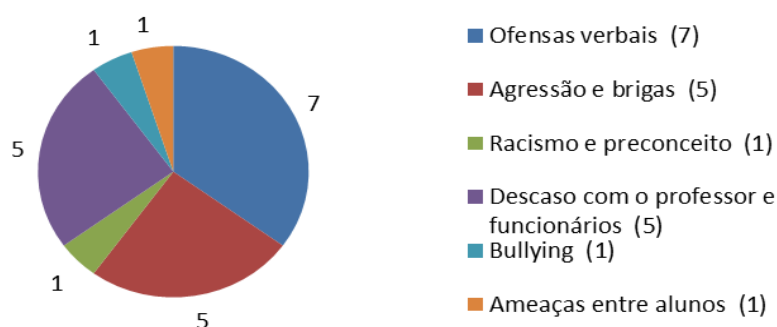
É necessário destacar, a respeito da impressão dos pibidianos em relação à violência, que existem percepções diferentes quanto a sua ocorrência. Há situações nas quais alguns bolsistas de iniciação à docência fizeram referência a casos de violência e outros não o fizeram, mesmo frequentando a mesma escola. Treze questionários respondidos pelos pibidianos evidenciaram relatos da presença do fenômeno da violência em sala de aula e seis não relataram essas ocorrências.

Os atos mais comuns apontados pelos pibidianos que afirmaram ter contanto com situações que podem ser consideradas como violência são: as ofensas verbais, as agressões/brigas, o racismo/preconceito, o descaso com o professor/funcionários, o bullying e as ameaças entre os alunos, fatos que são apontados no gráfico⁸ 01 e que dão uma visão a respeito da ocorrência dessa violência.

⁷ Identificados com a letra P de Pibidiano, numerados de 1 a 19 de forma sucessiva para garantir o anonimato dos entrevistados. Exemplo: P1 - Pibidiano 1, P2 – Pibidiano 2, ... P19 – Pibidiano 19.

⁸ Os gráficos 1, 2, 3 e 4 foram elaborados a partir de perguntas abertas que foram categorizadas. Numa mesma pergunta cada pibidiano pode listar várias opções de respostas. Assim, a quantidade de respostas não equivale à quantidade de entrevistados.

Gráfico 01 – Pensando especificamente a sala de aula, você presenciou atos que podem ser considerados violência?



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos questionários da pesquisa

Com base nos autores Abramovay (2002, 2005), Marra e Tosta (2008), Castro (2010), podemos identificar na análise das respostas dos pibidianos exemplos claros de violência física: “alunos se agredindo, neste caso, um ficou jogando caderno no outro” (P1); “aluno xingando professor, virando cadeiras” (P2); “discussões verbais e brigas entre meninas e meninas, meninos e meninos” (P3); “brigas entre alunos, desrespeito para com o professor em sala de aula” (P6). A respeito de violência física, Abramovay (2005) aponta que são aquelas que “[...] podem matar, ferimentos, golpes, roubos, crimes, vandalismo, droga, tráfico, violência sexual”.

No que diz respeito às relações que se desenvolvem nas escolas públicas investigadas, verificamos que o convívio entre os sujeitos desse ambiente é muitas vezes conflituoso e exige cuidados maiores por parte dos responsáveis, a fim de manter práticas de boa convivência, evitando que se manifestem as diversas formas de violências que podem levar a situações graves, inclusive de instabilidade nas relações que se desenvolvem nesse ambiente.

Outra dimensão de violência é a simbólica ou institucional caracterizada pelo:

[...] abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; verbal; e institucional (marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder) [...] (Abramovay, 2002, p.74).

Esse tipo de violência se manifesta nas relações de abuso de poder. Caracteriza-se pela ausência do uso de contato físico, mas que provoca prejuízos morais e psicológicos aos indivíduos que são por ela atingidos. Pode ser entendida, também como um processo de dominação utilizado por aqueles que provocam tal violência para impor seu modo de pensar frente ao grupo de menor força; abuso de

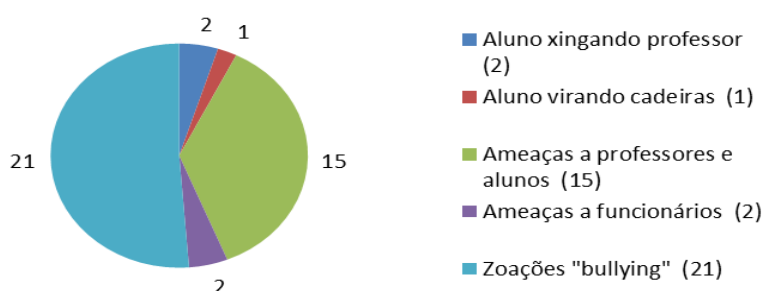
poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade.

Constatamos na análise dos dados exemplos de situações que podem ser classificadas como violência simbólica, e foram mencionadas apenas uma vez como, por exemplo, “professores menosprezando a condição social dos alunos” (P13). Tal fato possibilita a seguinte reflexão: a) há mínima incidência da violência simbólica no ambiente escolar, ou, b) há dificuldade de identificação dessas formas de violência, bem como da maneira como se propagam. A violência simbólica é um tipo de violência que ocorre de modo dissimulado, tornando difícil detectar a sua presença, o que pode ter contribuído para a quase nulidade da identificação desse tipo de violência por parte dos bolsistas do PIBID.

Outro tipo de violência detectada, com base na análise dos questionários, foram as incivildades. Estas são descritas por Abramovay (2002, p.77), como “microviolências”, e caracterizam-se por humilhações, falta de respeito, pequenos atos de agressividade marcados pela ruptura de boa convivência, como desobediências à fala do professor, empurrões, ofensas caracterizadas por ataques cotidianos e repetitivos, subvertendo o direito de cada indivíduo e refletindo na sociedade.

Ao analisarmos as respostas dos pibidianos relativas às reclamações mais frequentes dos alunos, podemos classificar como incivildades: “aluno xingando professor, virando cadeiras” (P2); “ameaças a professores e alunos” (P7); “ameaças de uma aluna com uma funcionária” (P8); “em sala, principalmente as zoações (bullying), xingamentos, palavras ofensivas” (P10); “alunos ofendendo uns aos outros” (P13). As reclamações mais frequentes, estão descritas nas afirmações que fazem parte do gráfico 02.

Gráfico 02 – Reclamações mais frequentes (alunos) que podem ser classificadas como incivildades



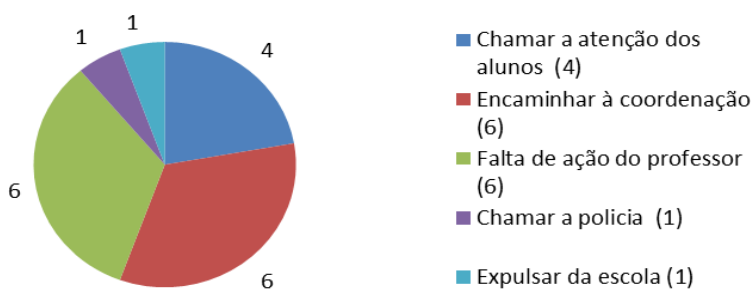
Fonte: elaborado pelo autor a partir dos questionários da pesquisa

Segundo Marra e Tosta (2008), expressões de violência que acometem as escolas são as relações desrespeitosas, conflituosas e a falta de diálogo entre os atores sociais. Esses são exemplos de violência simbólica, que é um tipo de violência camuflada, podendo levar ao preconceito e à segregação. Situações algumas vezes comuns aos alunos e professores que, na maioria das vezes, não se dão conta dos efeitos nocivos de tais atitudes.

Os professores são peças fundamentais no fomento do diálogo em sala de aula. Eles podem ter a função de geradores de conflitos ou de apaziguadores. A sala de aula exige competência e a habilidade na prática de ensino, de modo que os educadores não sejam responsáveis pelos embates, mas causadores de um relacionamento pacífico entre professores-alunos.

Os dados a seguir apontam a maneira como os pibidianos interpretam a reação dos professores às situações de violência no dia a dia das salas de aula em que atuam: “punem severamente os alunos, colocando-os para fora de sala de aula, descontando pontos” (P1); “agem com neutralidade e perplexidade” (P2); “interferem verbalmente” (P4); “ficam tristes e desanimados cada vez mais em continuar na profissão” (P5); “encaminham o aluno para a coordenação e, posteriormente, para a pedagoga” (P6); “ficam sem ação” (P7); “a reação é repreender os alunos e retirá-los da sala” (P9); “resolvem conversando com os alunos” (P12); “são imparciais, opõem-se somente quando os alunos atrapalham a aula” (P11); “alguns ignoram e outros tentam parar a agressão” (P13). Sobre essas respostas, no que diz respeito à reação dos professores quanto a violência no ambiente da sala de aula, o gráfico 03 expressa essa reação.

Gráfico 03 – Reação dos professores em relação à violência na sala



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos questionários da pesquisa

As atitudes relatadas acima indicam estratégias que potencializam a violência, pois dimensionam o despreparo para “lidar” com as situações conflituosas, principalmente quando está presente a negação sobre fatos ocorridos em salas de aula.

[...] a negação do fenômeno da violência não diminui ou extingue sua manifestação; ao contrário, ignorá-lo significa perder a oportunidade de obter vantagens sobre aspectos que poderiam ser usados nas estratégias de conciliação de situações dissidentes (Marra & Tosta, 2008, p.167).

No que se refere à participação do professor para a melhoria da convivência no ambiente escolar, na relação professor/aluno, aluno/professor e aluno-aluno, as respostas dadas pelos pibidianos foram: “o professor pode interagir conversando sobre coisas da vida e orientando os alunos de maneira a esclarecer dúvidas” (P1); “promovendo socialização” (P2); “conversando com os alunos” (P3); “desenvolvendo atividades em grupo” (P4); “criando rodas de debates e fazendo os alunos refletirem” (P5); “sendo amigo e ouvinte” (P7); “conversando e corrigindo sempre que for possível” (P8); “com uma didática que visa, além da construção do conhecimento, contribuir para interações em sala de aula” (P10); “tratando todos de maneira igual, procurando solucionar, de maneira tranquila, qualquer tipo de problema” (P11); “desenvolver atividades que trabalhem a alteridade como tema transversal” (P12); “trabalhar com as turmas as diferenças pessoais” (P13).

Diante desses relatos, constatamos que as alternativas propostas pelos pibidianos, como forma de melhorar a convivência, alinham-se com a idéia de que:

[...] o desenvolvimento de laços de amizade e confiança entre docentes e discentes possibilita que os primeiros sejam elementos essenciais a qualquer projeto de prevenção da violência e mediação de conflitos na escola e que os últimos atuem como multiplicadores na difusão de uma cultura de paz no ambiente escolar (Aabramovay, 2005, p.8).

Seguindo a análise dos questionários, especificamente à pergunta na qual os pibidianos deveriam indicar se os alunos recebem apoio por parte da escola ao sofrerem situações de violência – foram evidenciados três tipos de situações que permitem categorizar as respostas com o intuito de facilitar a análise: a) descaso com as situações de violência, pouco apoio ou nenhum apoio; b) tentativa de mediar as situações de violência por meio do diálogo com os alunos, responsáveis (palestras); c) busca de apoio externo – força policial ou ronda escolar.

As respostas que permitiram elucidar e compreender a atitude e, por vezes, o descaso de alguns professores com as situações de violência, pouco apoio ou

nenhum apoio por parte da escola, foram: “nunca presenciei nenhum apoio” (P11); “pouco é o apoio” (P5); “nenhum” (P12); “nenhum, apenas quando a agressão é física” (P2).

As respostas que permitiram verificar que, em alguns casos, existem mediações das situações de violência por parte da escola foram: “através de palestras” (P3); “são encaminhados para a pedagoga” (P6); “os coordenadores e supervisores conversam com a vítima e com o(s) agressor(es) tentando acabar com a violência” (P13); “a escola procura sanar essas implicâncias, mas não é sempre que as reclamações chegam até à coordenação” (P8); “informam aos responsáveis e pedem para tomar providencias” (P7).

Abramovay (2005) preceitua sobre a necessidade do diálogo no recinto escolar:

Um outro facilitador das relações sociais no ambiente escolar é o diálogo. Conhecer o outro requer o uso da palavra, da conversa, o que proporciona o estabelecimento de vínculos entre esses atores escolares. No caso de alunos e professores, muitas vezes os docentes são as únicas pessoas com que os alunos se sentem à vontade para conversar, tirar dúvidas e buscar apoio para resolução de problemas cotidianos.

Quando o diálogo não é efetivado, outro ponto destacado pelos entrevistados, ocorre a busca de apoio externo da força policial e ronda escolar: “a escola chama a polícia em casos extremos” (P9). A esse respeito, Furlong (2000 apud Abramovay, 2005, p. 315), insiste na idéia de

[...] que a violência na escola deve ser entendida como um problema educacional e, portanto, deve ser um ponto importante de discussão entre os membros do corpo técnico-pedagógico da escola e debatido dentro de sala de aula. Para tanto, o professor deve assumir uma postura ativa, falar, problematizar a questão. Deixar a solução à cargo de profissionais de segurança, sejam eles públicos ou privados, é uma forma de protelar o problema ao invés de resolvê-lo.

Cada escola trata os atos de violência de modo diferenciado. Talvez seja por esse motivo que as respostas dos pibidianos não apresentam unicidade, em relação ao modo como identificam essas ações de violência.

Sobre as aplicações de ações que visam a conter o avanço da violência escolar, os pibidianos relataram: “sim, pois informam os responsáveis para tomarem providência sobre o assunto” (P1); “não” (P2); “palestras” (P3), “medidas disciplinares” (P4); “sim, atividades coletivas que propiciam uma interação entre eles,

e acabam conhecendo mais um ao outro” (P6); “sim, existe na escola sistema de monitoramento do pátio, corredores e salas de aula, além de rota escolar feita pela polícia militar” (P7); “punir as práticas de violência e dialogar com os alunos” (P8); “não diretamente, só em datas que sugerem isso, como o dia da consciência negra” (P12); “conversas e debates” (P13).

A escola é um espaço de socialização de diversas culturas e etnias que se fazem presentes no cotidiano, e essa diversidade é representada pelos componentes presentes nesse espaço, alunos, professores e quem mais faça parte da comunidade escolar. Por isso, faz-se necessário que a escola esteja preparada para os diversos desafios que possam surgir, a fim de propiciar um ambiente que promova a interação entre esses sujeitos que representam esse espaço.

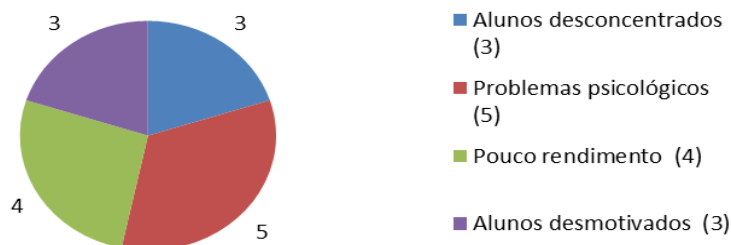
A escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações. Cada sujeito apresenta um universo próprio, tornando necessário que o estabelecimento dos espaços interativos, no contexto educacional, seja orientado a promover relações de troca, de esforços partilhados na construção de soluções comuns, para o alcance dos objetivos comuns (Abramovay, 2002, p.14).

Da mesma forma, Castro (2010) indica que a violência causa prejuízo ao aprendizado e atrapalha o ambiente escolar, por isso é de grande importância que a escola entenda que sua função não é somente transmitir um conteúdo específico, mas propiciar meios para que os educandos saibam interagir uns com os outros, gerando assim um ambiente mais saudável de convivência e trocas de experiências.

Quanto aos possíveis efeitos da violência escolar no aprendizado dos alunos, verificamos na análise das respostas dos pibidianos que há reflexos, isto é, influência negativa no dia a dia dos alunos e no ambiente escolar, como foi verificado nas seguintes respostas: “ficam desconcentrados e perdem completamente o foco” (P1); “problemas psicológicos, falta de atenção nas aulas, perda de rendimento” (P2); “pode acarretar problemas como depressão, influencia diretamente no aprendizado” (P4); “o aluno que apanha ou sofre algum tipo de preconceito ou bullying, fica envergonhado, sente vontade de não ir à escola, abala seu psicológico” (P5); “sim, são prejudicados diretamente, pois seu interesse e estímulo para o estudo diminuem a ponto de não querer mais estudar” (P6); “muitos alunos estudam com medo da reação dos delinquentes” (P7); “o aluno pode ficar traumatizado, não querendo ir mais à escola” (P8); “claro, principalmente em relação

ao entusiasmo, muitos se sentem desmotivados devido às violências sofridas” (P10); “só pode existir, se essa violência for repetitiva” (P11); “sim, a nível de transformar o espaço escolar em um ambiente hostil, atrapalhando na concentração e na participação do aluno” (P12); “sim, o aluno pode ficar traumatizado e não querer voltar para a escola, desta forma interrompendo seu aprendizado” (P13). Os reflexos da violência escolar podem ser verificados no gráfico 04.

Gráfico 04 – Reflexos da violência escolar no aprendizado do aluno



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos questionários da pesquisa

A partir dessas respostas, podemos inferir que a violência escolar, mesmo que seja em pequeno grau, compromete o aprendizado dos alunos e o fazer do professor.

[...] os efeitos da violência na escola são numerosos e intensos. Um deles é o comprometimento da capacidade de ensinar e aprender. Numerosas pesquisas mostram que o clima de tranquilidade e disciplina na sala de aula favorece o aprendizado. Uma pesquisa internacional, denominada PISA, que contempla mais de 40 países incluindo o Brasil, mostra que o barulho ou a desordem na sala, as interrupções, durante a aula, pela indisciplinados alunos, ou a intimidação entre as crianças são elementos que contribuem para piorar o desempenho acadêmico. Se uma simples deterioração do clima disciplinar na aula prejudica o aprendizado, imaginemos o efeito devastador de episódios concretos de violência. (Abramovay, 2005, p.13)

Nesse sentido, pode-se afirmar que a violência ocorre de tal maneira a se tornar destruidora e traz consequências graves para a vida dos alunos e dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como tema central a violência escolar. No decorrer do processo, levantamos dados que mereceram uma análise mais detalhada, tendo como foco basilar um estudo mais aprofundado dos tipos de violências mais presentes no ambiente escolar e suas implicações no processo de ensino aprendizagem.

O problema da violência escolar foi desdobrado em objetivos para facilitar o aprofundamento da pesquisa sobre o assunto principal. O primeiro objetivo consistia em identificar e descrever as formas de violência existentes no ambiente escolar a partir da visão dos pibidianos em correlação com o referencial teórico da pesquisa. Foi possível perceber a presença da violência física, principalmente as ofensas verbais e as agressões, nas escolas em que os pibidianos estão inseridos; a violência simbólica foi mencionada uma única vez, possivelmente por ocorrer de modo velado tornando-se quase imperceptível.

As incivildades, por sua vez, foram descritas em grande quantidade: xingamentos de alunos aos professores, alunos virando cadeiras, ameaças a professores, alunos e a funcionários, e *bullying*. As respostas a esse objetivo favorecem a reflexão sobre o problema da violência institucional que, por estar dissimulada nas situações cotidianas, muitas vezes é ignorada e causa efeitos extremamente negativos tanto em alunos como em professores.

O segundo objetivo específico foi o de descrever como os pibidianos percebem a atuação dos professores e da escola frente à violência. Foi possível verificar que a atuação de alguns professores demonstra despreparo ao se depararem com o problema da violência escolar, pois muitos deles optam pela omissão, negando a sua ocorrência em sala de aula. Em alguns casos, preferem transferir o problema para outras instâncias: pedagogos, coordenadores ou a direção. A escola, por sua vez, não promove situações que visam conter o avanço da violência escolar. A análise desse objetivo aponta para a necessidade de processos de formação e intervenção que favoreçam a atuação coerente de professores e da escola frente à violência.

O terceiro e último objetivo foi apontar os possíveis reflexos da violência no aprendizado. A pesquisa permitiu identificar que a violência escolar impacta diretamente na aprendizagem dos alunos, causando prejuízos com a falta de concentração, os problemas psicológicos, o baixo rendimento e a falta de motivação. O ambiente escolar deve oportunizar aos alunos a transmissão de saberes e meios para que eles possam interagir de modo satisfatório uns com os outros a fim de que se tornem cidadãos participativos na sociedade. Para isso, a violência não pode ser um obstáculo ou empecilho. A análise das respostas a esse objetivo indica que se as situações de violência forem combatidas haverá um ambiente mais propício para

o ensino-aprendizagem. Logo, foi possível alcançar o objetivo geral do presente trabalho: compreender os tipos de violência escolar, apontados pelos pibidianos e seus possíveis reflexos na sala de aula.

A pesquisa permitiu destacar que não existe uma fórmula mágica que possa ser adotada como uma receita e que garanta a solução dos problemas de violência nas escolas. Porém, no ambiente escolar, o professor deve reagir frente aos desafios provocados pela violência, refletindo e avaliando o seu fazer docente, adquirindo conhecimentos que permitam lidar com o problema e que contribuam para repensar e modificar as suas práticas. A escola deve estar atenta ao problema, promovendo caminhos de reflexão e diálogo. Outras medidas utilizadas com êxito, em muitos casos, consiste na promoção do respeito aos diferentes atores do ambiente escolar, a promoção de debates, palestras e cursos de formação para alunos, pais, comunidade em geral com o tema central relacionado com a violência na escola.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M. (2002). *Escola e Violência*. Brasília: UNESCO.
- _____. (2002). *Percepções dos alunos sobre as repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola*. Brasília: UNESCO.
- _____. (2005). (coord.) *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, Observatório de Violências.
- _____. (2005). *Debate: violência, mediação e convivência na escola*. Brasil.
- Abramovay, M., & Rua, M. D. G. (2003). *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO.
- Castro, R. D. (2010). *Incivilidades: A Violência Invisível nas Escolas*. LABORE 105 Laboratório de Estudos Contemporâneos POLÊMICA Revista Eletrônica Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Marra, C. A. D. S., & Tosta, S. P. (2008). *Violência escolar: percepção e repercussão no cotidiano da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 153-190. (Coleção, Cultura e Escola).
- Santos, I. E. D. (2012). *Manual de Métodos e Técnicas de Pesquisa Científica*. 9. ed. Niteroi: Impetus, p. 197-198.
- Witter, G. P. (2010). *Ponto de vista: violência e escola*. Temas em psicologia. v.18, n.1, p.11-15. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

389X2010000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07 jun. 2017.